

CONTO

Apenas um corpo

Sidney Terajima Rodrigues

Universidade de São Paulo (USP)

sidneyterajima@gmail.com

1

As coisas andam, não muito bem, mas andam. De manhã, a água no rosto é sempre gelada, não importa se faz frio ou calor. Tenho que encarar as pessoas. Dentro do ônibus, o pensamento não flui de forma linear. Tudo passa tão rápido. Imagens brotam da minha cabeça e se misturam com as de fora e com as de dentro do ônibus. Sobrepoem-se. Um emaranhado. Fico em transe. De repente, ao olhar para fora, vejo uma coisa no asfalto. Aquilo não me distrai. Ao contrário, é justamente essa coisa que põe a minha cabeça no lugar. Distingo que aquilo é um rolo de metal, não sei de quê, incrustado no asfalto.

Não demora muito e outra coisa me chama a atenção. Dessa vez não vem de fora. Ou melhor: vem de fora, entra no ônibus e senta-se ao meu lado. Tento ignorar. Não consigo. O perfume me incomoda. Não porque seja ruim, daqueles que dão náusea. É bom, e é por isso que me incomoda. Faz-me pensar em coisas, em sonhos. Isso eu posso, pelo menos isso, penso eu. Tudo indica que nada vai acontecer fora do previsto. Engano-me. Ela começa a falar comigo. Não esperava, tremo.

No dia seguinte, no ponto, todos estão em silêncio. Aguardam o ônibus com o mesmo entusiasmo de ontem, na medida em que sabem como o hoje vai ser. Ele chega, algumas pessoas sobem e eu também. Estou ansioso. O ônibus começa a se movimentar.

Logo o ponto dela se aproxima. Ele para e algumas pessoas começam a subir: um homem, duas estudantes e uma velha. O ônibus começa a andar novamente e a porta se fecha. Ela não sobe. Fico triste.

Os dias passam e sempre a mesma coisa: a mesma espera, a mesma ansiedade e o mesmo desfecho. Nada. Um homem, outro homem, uma mulher com uma criança no colo e só. Ela não vem mais. Sobrou apenas um rosto e um perfume que me esforço para lembrar. Quando posso, fico imaginando. Sinto raiva de mim mesmo por isso. Dentro do ônibus, a minha postura é a mesma dos outros dias. E tudo se passa conforme ontem, anteontem e a semana passada.

Mas, como dizem: “o tempo resolve todos os problemas”. Realmente. Então a vejo novamente naquele ponto. Duas ou três pessoas estendem o braço. O motorista para. Começo a tremer. Ela sobe. Outras pessoas sobem em seguida, todas enfileiradas. Ao passar a catraca, logo ela me reconhece. Vem em minha direção, senta-se ao meu lado e me cumprimenta. Faço o mesmo. Início uma conversa. Ela está sorridente e linda como imaginei. O nervosismo toma conta do meu corpo. Faço perguntas banais, e ela responde de maneira seca e cordial. Não há intimidade. Então ela se prepara para descer do ônibus. Eu não hesito, resolvo ir atrás.

Na rua, ela tenta se desvencilhar de mim. Eu sinto isso. Insisto, tento manter o diálogo.



Esta revista adota o modelo de Acesso Aberto e seu conteúdo está licenciado sob a licença CC BY-NC 4.0

ARK:16081/CRL9539-SNAC

Recebido

30 de novembro de 2025

Aprovado

22 de dezembro de 2025

Edição

Lury Moraes

Revisão

Lury Moraes

Chega uma hora, entretanto, em que não dá mais. O rosto dela não esconde o mal-estar que sente. Também estou perturbado. A multidão na rua aumenta o meu desespero. Ela acelera os passos. Foge. Não me quer mais. Num gesto abrupto, aproximo-me bem dela. Ponho a mão no bolso e, com toda a minha força, cravo uma faca em suas vísceras. Os olhos dela vibram e logo ficam estáticos. Continuo andando rapidamente, como outras pessoas que estão em volta. Não olho para trás, mas sinto que ela cai, desmorona-se no chão.

Os dias passam e nada acontece. Sinto um tranco. O motorista para o ônibus. Olho para fora e vejo um cara correndo. Há um carro vermelho destruído atrás do ônibus. Logo a polícia chega. Era uma perseguição. Tento relaxar. Fico observando a luz da sirene do carro da polícia oscilar na cortina vermelha do ônibus. Isso me distrai e, logo em seguida, eu durmo.

2

A noite começa a cair. O cheiro de chuva me arrebatava. Eu gosto do cheiro. Continuo andando. Intercalo meu olhar. Ora admiro o céu, ora foco a atenção nas folhas que o vento insiste em levar para algum lugar da rua ou para dentro das casas.

Durante um misto de devaneio, reflexão e acerto de contas comigo mesmo, uma mulher passa do meu lado. Ela está com pressa. Passa por mim como se eu fosse apenas uma coisa, uma barreira que embarga o seu caminho. Mas, para mim, os transeuntes são importantes. Avisto-os, reparo como são, com quem estão e aonde vão. Aperto os passos para não perdê-la de vista. Porém ela atravessa a rua e dobra a esquina. Toma um rumo que eu não posso tomar. Desviar-me-ia muito. Não vale a pena. Bastam as lembranças que foram despertadas. Ela não era ninguém na minha vida. Mas poderia ser alguém tão especial, tão importante para mim um dia?

Começo a subir uma ladeira. Consigo ouvir a minha respiração. Ofego, estou cansado, mas continuo. O corpo sofre, mas apenas ele nesse momento. Alguns carros descem e nenhum sobe. Seus faróis altos na minha cara me incomodam, deixam-me mais cansado. Concluo o martírio em poucos minutos. Um alívio. No ponto mais íngreme, olho para o horizonte e percebo que a noite se completara. Mas a chuva não veio e o cheiro se esvaiu. Foi apenas uma gostosa ameaça.

Na praça, sinto vontade de parar. Sento-me num banco qualquer. Procuro algo para me distrair. Há uma janela aberta. É um sobrado. Uma mulher de costas conversa com alguém. Ela está apoiada numa escrivaninha, creio eu. Espia rapidamente a rua. Não me vê, sou invisível. Volta-se para o interlocutor. A cena me enfeitiça. Os dois conversam. Não sei o quê. Desvio o olhar por um instante. Na praça circulam algumas pessoas. Uma brisa faz com que a noite continue amena. Então sinto inveja do casal da janela.

3

Consulto o relógio: 17h03. Falta pouco. Volto a consultá-lo, já não me lembro que horas são. Repito a operação várias vezes. O calor e o barulho que vêm das máquinas me agredem. O suor que escorre da testa às vezes cai nos olhos. Arde, queima, como um projétil. Limpo com a manga da camisa. Regenero-me. Mas não tarda para que eu seja atingido por outra gota. Depois de um longo repouso, a sirene toca. O tempo voltou a andar.

Fora dali, deparo-me com aquilo que se chama de vida. Sons dissonantes e estridentes funcionam como uma espécie de sonoplastia daqueles vultos que passam diante de mim. Essas imagens são duras, não se acanham. Jogam-me para dentro de mim mesmo.

Entretanto, sempre há aquelas que tocam diretamente na ferida. A beleza dessas imagens é tão efêmera quanto toda beleza. No início agem como xilocaína. São belas e atraentes. Carregam lembranças que nunca existiram, mas que poderiam ter existido. As pálpebras baixam a guarda. Mas num estalar de dedos essas imagens se desmancham. A dor chega ao ápice em um só golpe. O grito é repellido pela realidade.

Continuo a caminhar rapidamente. Entro na estação de metrô. Um exército de anônimos vem em a minha direção. Uns passam e outros esbarram. Chego à plataforma. Uma corrente de ar anuncia a chegada do trem. Ele para gradualmente. As portas se abrem e um grupo hostil de pessoas sai enquanto outro tenta entrar.

O calor dentro do trem é ainda pior. Encosto-me perto dos assentos. Seguro firme na barra engordurada. As portas se fecham e o trem começa a se movimentar. Então, ao abaixar a cabeça, o tormento que o presente sempre reclama emerge. Meus olhos se prendem a elas. São delgadas e delicadas. Depois de um longo segundo, passam da condição meramente visível para o inteligível. Deixam de ser aquelas mãos para se tornarem a mão dela. O tempo entra em suspensão. Ela toca meu rosto. É leve e fria. Acaricia-me. A cada estação, no entanto, surgem inúmeras interferências. Resisto o quanto posso. Apego-me à mão e esqueço o resto. Mas a verdadeira condição reivindica o seu lugar. O trem para e as mãos se vão. O trem volta a andar. Outra pessoa ocupa o assento debaixo de mim. Na janela escura vejo o meu rosto. O sangue está quente, a ferida lateja.

Depois de um tempo, o operador anuncia a estação final. Saio do trem. Uma multidão se aglomera com o intuito de subir a escada rolante. A passos curtos, chego até as catracas. Ultrapasso uma delas. Não penso, só ando. No ponto, outro tumulto. Meu ônibus chega. Por milagre consigo sentar. As pessoas não param de entrar. Até que, finalmente, o ônibus lota e parte. Com o rosto virado para a janela, mas sem prestar atenção ao que acontece lá fora, tento evocar aquelas imagens. Elas não são mais nítidas; viraram fotografias desfocadas.

4

Não posso acreditar em tudo que vejo. Não, não posso. Sou induzido por uma vontade. Algo preso que está ali há muito tempo. A cada passo percorrido, mais um milímetro infiltrado. De pouquinho em pouquinho vai ganhando força, até que fica irredutível.

Isso me faz lembrar uma planta que havia em cima da casa. Era estranho. Quando me mudei para cá, achava que havia um vaso no beiral. Mas não tinha. Ela desenvolvera uma raiz grossa que mais parecia um caule. Este descia pelo cano d'água até a boca. Tentei várias vezes matar essa planta. Era ela ou a casa. Cortava até onde conseguia. Mas nunca a retirava completamente. O caule-raiz não saía. Seria preciso estourar o cano. Então, um dia, resolvi reformar a garagem. O cano foi removido. Havia outras raízes que eu não enxergava. Elas estavam impregnadas na parede. Era um câncer que assolava a casa em silêncio.

Se não posso acreditar no que vejo, então o que resta?

Sobrevivo com dificuldade. Desespero-me. Um estrondo silencioso que me arrebenta. A imaginação entorpece o corpo quando acontecem essas coisas. Perco-me em sonhos em alguns momentos. As cenas se sucedem em perfeita harmonia com o odor e o calor alheios imaginados. Continuo dia após dia nesse estado, sem sentir nada. Um corpo, apenas um corpo.

E agora, o que mudou?

Quase nada. Talvez isso seja verdade. Se fosse o contrário, esse corpo seria mais que um corpo.

Sidney Terajima Rodrigues

Bacharel em Ciências Sociais pelo Centro Universitário Fundação Santo André (CUFSA), bacharel em Artes Plásticas e mestre em Poéticas Visuais pela Universidade de São Paulo (USP).

Currículo Lattes:
<http://lattes.cnpq.br/1720130400787462>.